Reflexões O aplicativo do Axé

Nelson De Luca Pretto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRETTO, N.D.L. O aplicativo do Axé. In: *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 98-100. ISBN: 978-85-232-2019-8.
<https://doi.org/10.7476/9788523220198.0011>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A Anatel, voltando atrás do que o seu presidente havia declarado irresponsavelmente, proibiu a implantação dessa prática temporariamente, enquanto não há um avanço no debate sobre a regulamentação do assunto. E isso só aconteceu porque os ativistas da cultura digital, os militantes da defesa do consumidor, a OAB e tantos mais, protestaram imediatamente e de forma contundente contra o inevitável “fim da internet ilimitada”, nas palavras do presidente da Anatel.

A implantação desse tipo de limitação gerará, no cotidiano, um uso egoísta e individualista da rede, contrário a tudo que temos preconizados ao longo dos últimos anos e que é da própria natureza da internet.

Queremos a nossa internet de volta, toda nossa, com pleno uso para que possamos, com ela, nos organizar enquanto movimentos sociais, produzir e postar conteúdos, intensificar os usos coletivos e solidários das redes e da infraestrutura de telecomunicações.

Precisamos, sim, de políticas públicas que garantam tudo isso, pois não podemos deixar que os avanços científicos e tecnológicos sejam apropriados pelas grandes corporações multinacionais, em detrimento das liberdades e da democracia.

Publicado no jornal *Correio**, Salvador, em 28 de abril de 2016

O aplicativo do Axé

Um dia desses, visitava Mãe Stella de Oxóssi, 90, no terreiro Ylê Axé Ôpô Afonjá e, nem bem cheguei, ela me recebe com uma pergunta à queima roupa: - Professor, e esse negócio de aplicativos, o que é mesmo isso?

Confesso que fiquei surpreso com a pergunta. Surpreso de bobo, pois, desde sempre que conversamos percebo a vitalidade e a vibração em

seu pensamento, um pensamento em ebulição permanente. Mas, confesso, não imaginava que ela iria adentrar o campo das tecnologias digitais de comunicação. Pois qual nada, assim que lhe expliquei o que eram esses aplicativos, ela afirmou que seria muito bom que o Axé também tivesse um. Não hesitei um segundo e lhe disse que, tinha certeza, se provocasse meus amigos do *Raul Hacker Club*, eles se mobilizariam e topariam a empreitada.

Pois acertei na mosca. Mal saí de sua casa, peguei meu celular e provoquei a turma pelo *Telegram*, um desses aplicativos – livre! – de comunicação instantânea, onde temos um grupo para trocar mensagens de forma mais segura que os outros mensageiros mais famosos. A resposta foi quase imediata. *Eu topo, eu topo!* E, pronto, montamos o grupo de desenvolvedores com Cascudo e Ladeia.

Essa turma do Raul é genial. É um grupo de jovens programadores e aficionados por esse universo da programação e da solidariedade que montou esse *hacker club* aqui em Salvador (funciona em <<http://raulhc.cc>>, e ali no bairro do Rio Vermelho), com uma programação repleta de atividades, incluindo cursos, bate-papos, almoços coletivo (com a tradicional *gororoba hacker*), jogos, programação para crianças e, na verdade, tudo mais que for pintando na pauta. Pauta essa que é construída em rede e de forma coletiva.

Os *hackers clubs* estão aparecendo em diversas partes do país, mobilizando a juventude que quer por a mão na massa e ajudar a construir programas e, de quebra, um país melhor! Esses grupos vão se implantando a partir da iniciativa de meia dúzia de jovens que se articulam em torno de projetos comuns e, com isso, vão ampliando as possibilidades de aprendizagem, trazendo para esses espaços todos aqueles que têm o desejo de compartilhar saberes e aprendizagens. Conforme a pesquisa de Karina Menezes, no site *hackerspace.org*, estão listados, em 2016, mais de 500 locais espalhados pelo mundo onde esses *hackers* se encontram, sendo que, pelo menos, 17 estão no Brasil. O que ela está observando é que esses movimentos têm em comum a adoção do *software* livre e a cooperação como base de suas atividades.

Voltando à Bahia e ao nosso aplicativo, o que se busca com ele é incluir algumas falas e orientações de Mãe Stella e, quem sabe aí teremos a maior inovação, apresentar como é o cotidiano do povo yorùbá e, principalmente, a língua yorùbá. Para essa parte, foi fundamental a colaboração do Ogan José Beniste, que reside no Rio de Janeiro e, de lá mesmo, está colaborando entusiasticamente com o projeto. Pretende-se, assim, dar a oportunidade para a juventude, fanática pelas comunicações instantâneas, resgatar a língua yourùbá, por meio de alguns provérbios milenares e, com isso, fortalecer a cultura afro, especialmente o candomblé.

Para isso acontecer, uma primeira versão está sendo finalizada e, seguindo o espírito *hacker*, vai para a rede e, a partir do uso, continuará a ser desenvolvida e aperfeiçoada pelo coletivo. Esse princípio do coletivo, marca do movimento *hacker*, é também do candomblé. Com isso, queremos dizer que, quem sabe, candomblé e *hackertivismo* têm tudo a ver. Axé.

Publicado no jornal *Correio**, Salvador, em 19 de dezembro de 2015

Internet para todos, já!

O Marco Civil da Internet foi recentemente aprovado pela Câmara dos Deputados, depois de mais de cinco anos de amplos debates com a sociedade. Além disso, o projeto de lei enviado ao Congresso recebeu “regime de urgência” e lá se foram cinco meses sem que o legislativo brasileiro votasse nenhum outro projeto. Tudo por conta da forte pressão das empresas de telecomunicações que queriam, a todo custo, garantir no texto legal os seus modelos de negócios.

Luta brava da sociedade civil organizada que não deixou por menos e fez um abaixo-assinado (Avaaz), com mais de 343 mil assinaturas,